

The Value of a Whale

Adrienne Buller,
Manchester University Press,
Manchester, 2022, 368 págs.

O livro “The Value of The Whale” de Adrienne Buller, uma investigadora especializada em saúde pública, desenvolve um tema bem presente na nossa sociedade atual, o “Green Capitalism”.

Buller considera que as estratégias do “Green Capitalism” não são mais do que uma mera ilusão, e defende esta sua opinião em seis capítulos, cada um deles sobre um problema: precificação do carbono; mercados financeiros; programas do ESG ¹; dívida ecológica dos países ricos para com os países pobres; preço do capital natural.

A autora não dá, neste livro, soluções para os problemas que aborda, mas prova, de forma muito complexa, que a solução não está no “Green Capitalism”.

O QUE É O “GREEN CAPITALISM”?

O “Green Capitalism” é um conceito relativamente recente que se refere a várias ferramentas financeiras e de investimento que são utilizadas pelas empresas para investir em projetos de sustentabilidade. Os apoiantes deste conceito acreditam ser possível, em simultâneo, viver de forma sustentável para salvar o planeta e maximizar os lucros das empresas.

Para atingir esta harmonia, é necessário manter os padrões económicos atuais, descarbonizar a sociedade e procurar novas oportunidades de negócio que promovam o “green growth” ².

CAPÍTULO 1 — “GATEKEEPERS: ECONOMICS AND THE COLLAPSE POSSIBILITY”

Como em todos os restantes capítulos, Buller começa com um exemplo prático, neste caso a floresta alemã. Esta floresta foi fonte de grande rendimento para o Estado Alemão,

1 “Environmental, Social and Governance”

2 Crescimento verde utilizado para descrever um crescimento económico que é ambientalmente sustentável

entre o século XVIII e XIX, onde, através de modelos matemáticos ³, plantaram as árvores separadas, proporcionalmente, umas das outras.

No entanto, passados alguns anos, descobriu-se que este espaçamento das árvores tornava-as mais vulneráveis a pragas, doenças e a tempestades. Para resolver esta questão, realizaram-se conferências com políticos, cientistas e economistas.

Ora, o que Buller pretende expor com este exemplo é a importância que os pensamentos economistas têm nas questões ambientais — “understanding how a radically changing world will impact our lives and wellbeing, mediated through economic interaction and exchange, is important for deciding in what ways we respond to crisis” ⁴. O ideal, numa situação de alteração climática, é pensar em soluções, daí ser essencial ouvir pontos de vistas de várias áreas.

O problema destes pensamentos economistas é o destaque e a influência destes sobre as políticas de sustentabilidade, atualmente os governantes de um país não produzem documentos de direito ambiente sem antes pensarem nos efeitos que estes terão na economia e, principalmente, nas contas bancárias de vários empresários.

CAPÍTULO 2 — “SIRENS: DISTRACTION AND DISPOSSESSION IN CARBON MARKETS”

A preocupação levantada neste capítulo é a incapacidade de não sermos governados por um sistema “effective and elegant” ⁵ de precificação de carbono. A precificação de carbono é um mecanismo que pode cobrar uma taxa às empresas por estas emitirem gases de efeito estufa para a atmosfera ou pode oferecer-lhes incentivos fiscais se estas emitirem menos gases de efeito estufa.

Na realidade, ao serem cobradas estas taxas às empresas, o que acontece é que estas não são suficientes para diminuir a emissão de gases de efeito de estufa. Estudos mostram que, apesar de se cobrar este preço pelo dióxido de carbono libertado, não há uma redução das emissões, isto porque a nossa sociedade é dependente dos combustíveis fósseis. A autora do livro entende que a precificação do carbono não deveria ser o primeiro passo do governos, mas sim o último, depois de serem criadas infraestruturas e serviços que acomodassem essa transição, visto que um grande número da população mundial não tem recursos financeiros para substituir os combustíveis fósseis por energias renováveis.

Outro grande problema da precificação do carbono é ser uma medida “mainstream” ⁶,

³ *Normalbaum*

⁴ Página 22 do livro referenciado

⁵ Página 58 do livro referenciado

⁶ Página 27 do livro referenciado

uma medida que não aborrece os grandes empresários da área dos combustíveis fósseis, principalmente porque existe o denominado mecanismo de “carbon offset”. Este mecanismo de “greenwashing” das empresas permite que estas compensem a libertação de gases de efeito de estufa num local, reduzindo a libertação destes mesmos gases noutra lugar (tipicamente num país em desenvolvimento).

CAPÍTULO 3 – “TITANS: ASSETS, POWER AND THE CONSTRUCTION OF GREEN CAPITALISM”

*Asset management*⁷ é uma prática que tem como objetivo controlar os ativos de uma empresa e manter e adquirir novos investimentos, tudo para garantir sustentabilidade da empresa durante um longo período de tempo.

Maior parte destes ativos estão “nas mãos” de meia dúzia de empresas, ou seja o poder de influenciar politicamente as decisões e programas políticos. Estes empresários acabam por moldar com base nos seus interesses esses documentos políticos — “an industry whose fingerprints are particularly visible in the shape of the green capitalist programme”⁸.

CAPÍTULO 4 – “ALCHEMISTS: WHAT’S GREEN IS GOLD”

A maior parte de empresas de extração de minérios e de petróleo resistiram, durante muito tempo, à transição para uma economia verde e sustentável, negando qualquer descoberta científica da ligação entre o aquecimento global e o uso destes combustíveis fósseis. Contudo, atualmente, estas empresas têm feito a transição. Porquê? Adrienne Buller considera que a resposta está no dinheiro — “After all, science on the climate crisis has been settled for decades, and climate risk has always been financial risk”⁹.

A indústria verde tem vindo a crescer exponencialmente, o que influencia no seu poder financeiro. Conceito que também se desenvolveu foi o *Environmental, Social and Governance* (ESG), que são valores, mecanismos que são seguidos pelas empresas e que lhes traz resultados financeiros positivos, mas também impactos duradouros ao nível ambiental.

Estas novas ferramentas de administração de empresas mostram que, no setor financeiro, é essencial promover e participar em ações ambientais, tendo o marketing uma grande responsabilidade em garantir que a população sabe que determinada empresa é “eco-friendly”.

7 Gestão de ativos

8 Página 103 do livro referenciado

9 Página 174 do livro referenciado

Com o pretexto de uma empresa ser amiga do ambiente, torna-se bastante fácil ter comportamentos de “greenwashing”, pois existe poucos documentos legais que regulem o que é ou não considerado um comportamento sustentável.

Adrienne Buller expõem, neste capítulo, um estudo sobre empresas que investem em projetos de consciência ambiental. O resultado deste estudo mostra que a maior parte das empresas que participam nestes projetos são empresas de “big tech”, o que não deixa de ser interessante, no sentido em que era mais expeável que fossem empresas ligadas ao setor da energia, por serem aquelas que mais contribuem para as alterações climáticas.

CAPÍTULO 5 — “TIME TRAVELLERS: ESCAPING ECOLOGICAL DEBT”

A pergunta que se coloca é a seguinte: Quem é responsável pela crise ecológica que enfrentamos? O ideal seria os países com maior capacidade financeira auxiliarem os países mais pobres, como forma de compensar pela crise ecológica.

Na verdade, os países mais ricos ajudam sim os mais pobres, no entanto não é sem obterem uma contrapartida. A maior parte dos países que enviam dinheiro para países em desenvolvimento, fazendo-no porque depois estes tornam-se seus compradores — “Why does the Unites States send foreign countries American taxpayer money? The answer, in short, is because it serves U.S. self-interest to do so (...) 50 top buyers of US agricultural products, 43 have at one time received US foreign aid”¹⁰.

Um ponto referido pela autora que, de certa forma, é uma chamada de atenção ao leitor é o de que a crise ecológica nunca será igual para todos, e não quer dizer propriamente que seja diferente entre países; a crise ecológica é diferente entre populações, dependendo da classe, da raça e do género.

CAPÍTULO 6 — “GHOSTS: VALUING A DISAPPEARING WORLD”

Neste último capítulo, a autora foca-se na extinção de espécies da fauna e da flora e na produção excessiva de desperdícios de plástico — “There is now more plastic in the oceans by mass than there were whales before commercial whaling devastated their populations”¹¹.

A exploração de lítio é referenciada no livro por ser uma prática prejudicial para o meio ambiente, visto que o lítio pode ser extraído de duas maneiras: é extraído do solo por

¹⁰ Página 195 do livro referenciado

¹¹ Página 228 do livro referenciado

mineiros e depois é separado da terra por processos químicos ou bombeia-se grandes quantidades de água do subsolo para a superfície e, com o fenómeno da evaporação, o lítio separa-se do sal.

Como exemplos de zonas de exploração de lítio é referida Nevada nos Estados Unidos da América e o deserto da Atacama no Chile. Estes exemplos contrastam entre si em termos de desigualdades ecológicas. Enquanto Biden, nos Estados Unidos, conseguiu prevenir que a exploração acontecesse, no Chile, a exploração ocorre e está a expandir para outros países da América Latina.

Um grave problema desta exploração do lítio em países do hemisfério sul é que muitas delas são financiadas por países do hemisfério norte. Trata-se do projeto neo-colonial.

EXPLICAÇÃO DO TÍTULO DO LIVRO

As baleias eram seres que habitam a terra e não o mar, mas, devido a várias ameaças que enfrentavam nela e pela falta de comida, transitaram para o mar, necessitando de 40 milhões de anos para se adaptarem ao oceano. Contudo, em apenas umas dezenas de anos, as baleias foram quase extintas da Terra pelo Homem.

Se as baleias conseguiram se adaptar a um novo ecossistema, porque é que nós não nos conseguimos adaptar também de forma a garantir a sobrevivem do planeta? Teremos nós valor para reverter a situação, como teve a baleia?

OPINIÃO CRÍTICA

Em suma, como forma de atenuar as alterações climáticas, os governos de cada país estão a recorrer a soluções económicas, ou seja, apesar de ter sido o capitalismo um dos principais culpados pelas crise ecológica, os governantes entendem que a solução para o problema ambiental é recorrer ao capitalismo, na forma do "Green Capitalism".

O que os empresários pretendem com este conceito é não alterar a forma como fazem negócios, como a economia existe, mas investindo em projetos ecológicos, que mais não são uma forma de "lavar dinheiro", uma forma de corrupção. Embora o conceito de "Green Capitalism" seja um conceito inovador e promissor, maior parte dos responsáveis pela sua concretização criam estes programas ambientes com base nos seus interesses próprios, acabando por tornam este conceito num programa de egocentrismo. É por isto que surge a questão: Se os empresários "se movem" apenas pelo dinheiro, será correto deixar que estes atuem, porque na realidade estão a lutar indiretamente pela sustentabilidade do planeta?

A crise ecológica que passamos encontra-se cada vez mais séria e a população mundial necessita de limitar o seu consumo de recursos naturais, mas para isso é essencial

garantirmos igualdade entre países em desenvolvimento e países desenvolvidos. Limitar a salvaguarda do ambiente apenas com a redução das emissões dos gases de efeito de estufa, não é suficiente. As políticas de sustentabilidade devem ter em conta a população e não os interesses dos grandes empresários.

Joana Filipa Almeida Vilas
Mestranda na Faculdade de Direito da
Universidade de Coimbra